

A REVISTA ELETRÔNICA EM SALA DE AULA: UM SUPORTE PARA GÊNEROS DISCURSIVOS NA ESFERA DIGITAL

Aguinaldo Gomes de Souza (HIPERGED-UFC/ETE-PE)

Introdução

O trabalho com gêneros discursivos em ambiente escolar, não é novo. Desde que o MEC, ainda na década de 90 do século passado, instituiu os parâmetros curriculares nacionais, que o ensino de língua portuguesa nas escolas do Brasil, de uma forma ou de outra, elege o gênero do discurso como elemento norteador do ensino de línguas em todos os seus aspectos. Entretanto, o ensino da língua em uma perspectiva textual-discursiva não é tão homogêneo, em outras palavras, não é possível estabelecer uma metodologia que abarque toda a multiplicidade e especificidade dos gêneros existentes. Algumas contribuições a respeito do ensino de línguas tendo por base os gêneros discursivos, podem ser achadas nos trabalhos de Dolz e Schneuwly (2004); Bronckart (1994); Bazerman (2006) entre outros.

Entretanto, não está no escopo deste trabalho elaborar um manual semelhante ao que foi preconizado pela escola genebrina. Nos limitamos a observar e descrever como sujeitos situados em dado contexto sócio-histórico, utilizam a linguagem para produzir e interagir com os mais diversos gêneros discursivos em suporte digital. Assim, para construção da pesquisa optamos pelo método etnográfico com a técnica do observador participante. Segundo Angrosino (2008) o método etnográfico se difere de outros modos de fazer pesquisa pelos seguintes critérios: a) ele é baseado na pesquisa de campo; b) é face a face,

ou seja, personalizado. Nele o pesquisador pode tanto ser participante quanto observador das vidas em estudo; é multifatorial, ou seja, pode ser aplicado em conjunto com outra técnica de coleta de dados; d) é feita por pesquisadores que pretendem interagir por um longo prazo com os sujeitos da pesquisa; e) trata-se de um método indutivo; f) tem por premissa tentar revelar o retrato mais completo possível do grupo em estudo; g) é dialógico, as conclusões e interpretações dos pesquisadores podem ser discutidas com os informantes na medida em que elas vão se formando. Ao optarmos pelo método etnográfico precisávamos de uma técnica para coleta de dados, nesse sentido optamos pela técnica do observador participante que é, como mostra Angrosino(2008, p.76) “um processo de aprendizagem por exposição ou por envolvimento nas atividades cotidianas e rotineiras de quem participa do cenário da pesquisa”.

Para construção da pesquisa acompanhamos um grupo de 20 (vinte) estudantes e um professor que resolveram trabalhar produção textual tendo por ferramenta uma revista eletrônica nas aulas de língua portuguesa. Ao iniciar a pesquisa nos inserimos em um grupo que foi criado por esses sujeitos na rede social Facebook, o qual tinha por objetivo ser uma redação on-line da revista. Nessa redação eram definidas as pautas e as funções que cada participante iria ocupar durante cada número da revista. conforme podemos verificar na figura 01

Figura 01



As reuniões de pautas que aconteciam no grupo da rede facebook eram em sua maioria acompanhadas por reuniões presenciais, em uma dessas reuniões ficou decidido que a revista ganharia um formato específico na rede internet, ou seja, iria ser criado um site para ancorar a revista. Este tipo de trabalho exigiu dos participantes uma série de habilidades, conforme Warschauer (2000) *apud* Araújo;Lima (2011, p.03), tais habilidades poderiam ser assim descritas: a) habilidade de comunicação (diz respeito a habilidade que o indivíduo tem de contatar outros indivíduos para selecionar a tecnologia adequada aos propósitos comunicativos; b) habilidade de construção (diz respeito a capacidade de criar e administrar páginas e sites da web e suas tecnologias de manipulação hipertextual) e c) habilidade de pesquisa (capacidade de localizar, organizar e fazer uso das informações presentes na web, citando e dando créditos às fontes). Uma vez definido os sujeitos que iriam trabalhar no aspecto visual da revista, ficou acordado que cada um, após a criação da revista, receberia uma senha para administrar o site. A revista foi criada em uma plataforma chamada de Wordpress. Conforme podemos verificar na figura 02, abaixo

Figura 02

ETE MAC News

O QUE VOCÊ FAZ OU JÁ FEZ PARA MELHORAR O SEU AMBIENTE DE ESTUDO? cuide do que é seu.

A ESCOLA também é SUA!

São Paulo F.C.
O São Paulo é um time com muita tradição e possui um elenco forte, os goleiros são: Rogério Ceni e o Dênis. O Ceni é um baita de um goleiro e já [More »](#)

20 de outubro de 2014 | [Concurso](#) | [No comments](#)

Críticas

CRÍTICA

Eleitor sem escolha
Neste segundo turno das eleições de dois mil e quatorze nós eleitores estamos em uma situação terrível onde temos que escolhe entre seis e meia dúzia, temos dois candidatos que tem o mesmo proposito, roubar o Brasil e colocar uma venda nos eleitores sem os deixar perceber, onde o principal discurso de ambos é meu partido que criou o bolsa família, mas este tipo de discurso só engana as pessoas que não procuram se informar, que não tem estudo, que vota

AGOSTO 2015

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	« out				

META

Login

Posts RSS

Da estrutura da revista e suas divisões entre os membros

Desde que Bakhtin ([1953] 2000, p. 109) introduziu a premissa de que a verdadeira substância da língua “não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”, que o ensino e o estudo da linguagem dentro de uma perspectiva da interação na linguagem é “essencial para entender não apenas o funcionamento da linguagem, mas também o surgimento da própria subjetividade”, conforme apontou Faraco, (2009).

Desse modo, ao estruturar uma revista eletrônica onde os estudantes pudessem interagir através dos mais variados gêneros, buscava-se práticas de produção textual na qual a linguagem em funcionamento fosse o elo motor. Nesse ponto específico, criar uma situação de interação real, confere aos eventos comunicativos em sala de aula a oportunidade de se vincular às práticas sociais recorrentes que se situam fora da escola. Assim, durante as reuniões de pauta, o grupo dividiu os cargos e funções a partir das aptidões de cada membro. Desse modo, a revista era composta por: gerentes de conteúdo, jornalistas, revisores, fotógrafos e equipe técnica. Trata-se de um simulacro de uma redação real. Dentro da redação, cada um dos membros era responsável por uma seção da revista, entretanto, as funções não eram fixas, um fotógrafo poderia ser um jornalista, um jornalista ser parte da equipe técnica e assim por diante. Os textos da esfera jornalística são “uma fonte primária de valores, tornando-se então instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional” (FARIA, 2003, p.11).

O trabalho com uma revista em sala de aula é muito mais que uma atividade de produção de textos, de gêneros, é a oportunidade que o sujeito tem de se instaurar como sujeito da/na linguagem. Nesse sentido, o trabalho realizado tirou os estudantes e suas práticas de escrita, dos limites da escola. Por meio da linguagem emergem relações simultâneas e consecutivas, trata-se de levar o estudante, enquanto sujeito produtor de textos, à heterogeneidade, tensões e contradições que de uma forma ou de outra estão presentes no ato de escrever. Pois quando o estudante se dispõe a produzir um texto fora das quatro paredes da sala de aula, sua voz ecoa e as atitudes responsivas retumbam em sua escrita

uma vez que ele escreve não apenas para um professor, mas para um auditório mais amplo. Assim, nenhum texto, nenhum gênero produzido por esses estudantes, fica confinado nos limites de um único ambiente, eles ganham voz(es), uma vez que ao ir para a rede internet fazem agora parte de uma tessitura textual mais ampla. Desse ponto de vista, as questões relacionadas a categorias como autor/autoria emergem com mais força, daí a importância da divisão do trabalho quando é proposta uma atividade como esta. Ao assinar uma reportagem, uma crítica, um editorial o sujeito se posiciona no mundo, a ideia nuclear é bastante simples: o uso significativo da língua só existe dentro das inter-relações pessoais e sociais situadas.

Os gêneros que circulam na revista eletrônica

Em uma revista circulam vários gêneros, sabendo disso, para análise, escolhemos um gênero produzido pelos estudantes, um artigo de opinião. Trata-se de um gênero que circula na esfera jornalística e possui, como sabemos, características próprias. A análise aqui proposta não diz respeito apenas as questões relacionadas ao gênero em si (sua estrutura, seu domínio de circulação, sua função etc) mas, mais diz respeito também a essas questões. Ao analisarmos a produção, levamos em conta que todo gênero se situa em alguma situação cotidiana.

A referência nova aqui diz respeito ao fato de que ao utilizar um gênero digital, ao produzir um gênero na esfera digital, o sujeito está operando com níveis de letramento que se situam nessa esfera da atividade humana. No que concerne à ação do sujeito, Orlikowski (2000) citado por Araújo;Diebe (2014, p.44) pondera que este, “ao fazer uso da tecnologia, tanto pode reforçar como alterar estruturas institucionalizadas, em consonância com as regras e pressupostos estabelecidos no contexto dessas estruturas, como também fazer usos diferentes daqueles que ali são considerados como legítimos e aceitos”. E isto se deve, acreditamos, ao fato de que ao produzir gêneros em ambiente digital, ao produzir linguagem, o estudante está levando a escola para fora da escola, já que a internet não tem muros, nas palavra de Araújo;Diebe (2014, p.08)

os agentes são igualmente atores e sujeitos, podemos considerar a agência humana como sendo também a ação de um ser singular, exemplar único da espécie humana, que constrói uma história, interpretando o

mundo e a ele atribuindo um sentido, do mesmo modo que significa a posição que ocupa nesse mundo, as suas relações com os outros, a sua própria história e a sua individualidade.

É assim que os temas e as temáticas tratadas dentro da revista ganham contornos variados, não há a necessidade íntima de relacionar o que se produz dentro da revista com o cotidiano da sala de aula. Em uma escrita significativa os temas propostos são livres e os sujeitos produtores de textos são os agentes deste movimento. Veja por exemplo a figura 03, nela a estudante produz um gênero chamado de artigo de opinião e disserta sobre o consumismo.

É notável como relata fatos da vida cotidiana (o ato de consumir) de forma crítica e ponderada, a retomadas dentro do texto a progressão temática, a estrutura, a tipologia discursiva leva o texto produzido em sala de aula para bem próximo do gênero artigo de opinião. Isto mostra que, conforme Marcuschi (2008), a aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional, uma vez que os sujeitos de linguagem estão imersos em práticas sociais mais amplas que o contorno imediato (a escola). O mais importante neste ponto é não normatizar a produção de textos em determinados gêneros, o que se verificou foram apenas sugestões de como tratar o texto, por exemplo, alguns estudantes demonstravam desconforto em relação ao consumismo irracional (na época da produção do artigo de opinião uma famosa companhia de telefone havia lançado três modelos de smartphones em um único semestre), diante deste desconforto coube ao professor indagar através de categorias¹ qual gênero se prestaria para emitir uma opinião. A preocupação não é trabalhar um gênero em si, mas encontrar o gênero que sirva aos propósitos elencados pelo sujeito. Trata-se, neste caso, de nas aulas de produção textual, situar a linguagem humana como uma forma de ação social e cultural.

1. neste caso partiu-se da pergunta: qual tipologia serve para argumentar? para emitir uma opinião? Que gênero receberia melhor essa tipologia?

Figura 03

The screenshot shows the ETEMAC News website interface. At the top, there are navigation links for HOME, QUEM SOMOS, and CONTATO. The main header features the ETEMAC News logo and a slogan: "O QUE VOCÊ FAZ OU JÁ FEZ PARA MELHORAR O SEU AMBIENTE DE ESTUDO? cuide do que é seu." To the right, there is a small advertisement for "A ESCOLA também é SUA!".

The article, dated 9 de abril de 2014, is titled "O consumismo - por: Joyce Soares - 2 A Logística". The text discusses consumerism, stating that we live in a highly consumerist society where we are manipulated by the media. It mentions that we compulsively buy products we are induced to believe we need, feeding a system that was never intended to function. The article explains that this system works by having companies work day and night to develop products with low durability, forcing us to buy them again in a short period. It also notes that the media, through advertisements and entertainment programs like novels, keeps us from stopping consumption, creating a vicious cycle.

Below the article is a "Deixe uma resposta" (Leave a comment) section. It includes a disclaimer: "O seu endereço de email não será publicado Campos obrigatórios são marcados *". There are input fields for "Nome *", "Email *", and "Site".

On the right side of the page, there are social media sharing icons for Twitter, Facebook, Google+, LinkedIn, RSS, and Email. Below these is a search bar and a section for "Etemac News" with 665 likes. A calendar for August 2015 is also visible, with the 5th of the month highlighted.

Uma das particularidades do trabalho com textos e gêneros *em situações reais de uso* é o envolvimento do estudante com o fazer, o texto não é mais escrito para o professor avaliar. Ele é escrito para ser lido por uma comunidade maior. Ele também não é escrito apenas para ser publicado, ele é escrito e reescrito quantas vezes forem necessárias e é corrigido por pares. Trata-se de um trabalho linguístico pautado pela interação em que a língua é vista como um fenômeno heterogêneo que se manifesta de diferentes formas: variável, histórico e social. Fruto de práticas sociais e históricas.

Ainda neste ponto, o trabalho com a língua dentro dessa perspectiva, acha-se submetido a condições de produção, portanto, heterogeneidade e indeterminação acham-se na base da concepção de língua aqui pressuposta. Cf. obs. a respeito em Marcuschi (2008).

Mas, antes do artigo de opinião ser publicado no site da revista ele foi fruto de várias intervenções (de jornalistas, de editores, de revisores) na redação virtual. A atividade de escrita, nesse sentido, deixa de ser individual e passa a ser coletiva (embora apenas um assine o texto), conforme podemos ver na figura 04.

As intervenções encontradas na redação da revista, intervenções relacionadas com as publicações dos gêneros, estão correlacionadas com a competência elencada por Shetzer e Warschauer (2000) que trata da habilidade de comunicação (diz respeito a habilidade que o indivíduo tem de contatar outros indivíduos para selecionar a tecnologia adequada aos propósitos comunicativos).

Há nesta pré-etapa do desenvolvimento da matéria que irá para a revista, um processo geralmente ignorado nas produções de textos nas escolas, trata-se do acento apreciativo sobre as palavras do outro, o que via de regra faz com que o trabalho com o texto seja sempre dialógico. A palavra, como apontou Bakhtin/Volochínov, (1995, p.112), dirige-se sempre a um interlocutor: ela é função da natureza desse interlocutor [...] O mundo interior e as reflexões de cada indivíduo têm um auditório social próprio, bem determinado, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações.

Figura 04



É importante notar que essas intervenções no texto do outro, as reescritas dos textos, são executadas no grupo em que funciona a redação da revista. Este grupo está ancorado em uma rede social, em um software, e as funcionalidades deste software permitem a interação necessária ao desenvolvimento do trabalho. Nesta etapa, percebemos que há neste caso o domínio e uso de softwares para fins específicos. Essas observações nos faz inferir que o *software* é o elemento responsável por uma enorme variedade de interações que são realizadas entre sujeitos/língua(gem) e o domínio do software para fins específicos permite a este sujeito de linguagem caminhar por entre camadas de informações, estabelecer relações, interagir com outros sujeitos, como podemos observar na figura 05.

Figura 05



Elemento comum a todos os que participavam do projeto 'revista eletrônica' é o domínio em maior ou menor grau de softwares variados. Desde os sujeitos responsáveis pela diagramação da página web até os editores e repórteres, em maior ou menor grau, possuíam um domínio das ferramentas digitais. Trata-se

então de sujeitos que possuem algum grau de letramento digital, este entendido com Kress (2010) como algo que além das habilidades como a leitura e escrita preconizada nas escolas, mas como uma prática social, ou como assinalou Gillen e Barton (2010, p. 4): os letramentos digitais são “as práticas em constante mudança por meio das quais as pessoas produzem sentidos identificáveis usando tecnologias digitais”. Então, saber operar um computador, saber utilizar um software para fins específicos é em análise fazer usos de letramentos que os possibilitem interagir com textos e gêneros em ambiente digital.

Aspectos teóricos: das características do suporte “revista eletrônica”

Fator determinante aqui é saber que, sem a existência dos softwares, os gêneros digitais não existiriam. Trata-se de um suporte que possui características singulares e que de igual modo exerce grande influência nos gêneros que suporta. Entretanto, antes de iniciarmos as considerações a respeito do suporte dos gêneros digitais, é imperioso dizer que a discussão, na academia, a respeito do que é gênero e do que é suporte na esfera digital, ainda não está apaziguada. A posição que assumimos ao analisar as interações em software é a de que o software é o suporte da escrita. A posição assumida, nesse caso, não aconteceu a olho nu e sim com base em uma série de conjecturas que verificamos ao longo de outros estudos (SOUZA, 2010; SOUZA 2012; SOUZA 2008). De igual modo faz-se necessário apontar que dentro das elucubrações teóricas a respeito do objeto ‘suporte da escrita digital’, há quem considere a tela do computador como suporte, é o caso por exemplo de (Xavier (2002); Távora (2008). A nosso ver, o importante neste caso é a discussão que o tema propõe, uma vez que, conforme Marcushi (2003), “todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado”.

Desse modo, antes de prosseguirmos, faz-se necessário atentar para duas questões basilares quando estamos analisando os suportes em ambiente digital: (a) os gêneros quando se fixam em suportes que estão em ambiente digital sofrem destes grandes influências a ponto de serem identificados na relação que mantêm com eles. São características correlacionadas à própria natureza do suporte, como a hipertextualidade e a hipermodalidade; (b) quando o gênero está

ancorado em um suporte que pertence ao ambiente digital, há necessariamente uma relação direta entre o formato específico do gênero e a interação que ocorre de maneira natural com o usuário da língua. Num certo sentido, essa interação entre o sujeito com o suporte e com o gênero digital se imbricam a ponto do gênero e do suporte serem identificados como um só. Fazendo um correlato com a língua, seria um caso de homonímia que se manifesta tanto na origem quanto na função.

Podemos dizer que, em relação a (a) trata-se de um caso de função do gênero, o que nos permite indagar sobre as possíveis interferências do suporte na função.

Ainda em (a) podemos nos indagar a respeito de como estas interferências que dizem respeito ao formato do suporte permite o desenvolvimento dos processos de textualização. Em (b) temos um caso típico de metonímia², isto se deve em parte a própria natureza do suporte que dificulta a fronteira entre o gênero e ele. Ou seja, se em um determinado gênero que está ancorado na esfera digital, eu posso interagir mantendo uma relação direta com ele, como por exemplo, posso acessar links e ter mais informações, posso interagir com outras pessoas etc. O suporte que o suporta também me permite isto.

Mas se existe tanta proximidade entre o gênero e o suporte dentro da esfera digital, o que vai permitir diferenciar um de outro? Seguramente, a distinção entre um e outro se dará em um nível mais interno, é preciso então voltar os olhos para a natureza do suporte digital. Este movimento de retomada nos leva a verificar, com Souza (2010)³, que o software é um suporte atípico, pois quando da sua criação por um sujeito historicamente situado, foram deixadas nele formas marcadas e não marcadas da presença de seus criadores.

Admitir que a revista eletrônica é um suporte digital é dizer, por conseguinte, que os textos, hipertextos, gêneros, sons e vídeos estão materializados em softwares. É admitir que ao interagir com um suporte digital estamos a todo

2. A metonímia consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido. Utilizamos este termo aqui para dizer que ao interagir com o suporte digital o sujeito por vezes não consegue diferenciar o que é suporte do que é gênero uma vez que as propriedades (hipertextuais) do suporte e do gênero se imbricam.

3. Comungamos com o autor a ideia de que o software é o suporte dos gêneros em ambiente digital, é no software que mantemos relação direta com a escrita, por conseguinte, com os gêneros.

momento interagindo também com as formas marcadas e não marcadas da presença de outrem. Essa arquitetura geral, essa forma arquitetônica, permite-nos manter relações direta com a escrita, com os gêneros. Permite o aparecimento dos hipertextos e das hiperlinks.

Neste trabalho, não tratamos de fazer uma classificação de suporte, mas de analisar como ele contribui para seleção de gêneros e sua forma de apresentação. Como dissemos, na esfera digital há uma proximidade entre o gênero e o suporte de tal modo que um é identificado na relação com o outro. Veja o exemplo abaixo (figura 06), nele podemos verificar uma revista que está ancorada na rede internet através de um navegador web. No primeiro momento, sem uma categorização minuciosa, é quase impossível perceber que dentro desse navegador há um outro objeto, um software que deu origem a revista.

Figura 06



Mais difícil ainda, olhando a olho nu, é perceber que entre o software que ancora a revista eletrônica e a revista eletrônica, há uma relação funcional. Ou seja, temos aí representado uma sobreposição de suportes, mas nessa relação não há antagonismo. Eles não se excluem, ao contrário, se incluem numa relação de tal ordem que a existência de um seria nula sem o outro. Trata-se de um

suporte que possui a potência necessária para transformar o que não vemos (o código que programa o software, a linguagem de máquina), em matéria.

A forma que o software adquire e que permite a ancoragem dos gêneros nasce dessa relação entre a potência e a forma. É dessa relação que a essência (a base hipertextual) faz o software adquirir funcionalidades. Aqui é necessário fazer um adendo, na medida em que ao falarmos da essência do software, estamos, em via de regra, falando dos atributos que permitem ao software ser o que é, e ao mesmo tempo, se diferenciar dos outros suportes. Quando dizemos que o software possui uma essência que lhe confere atributos, estamos dizendo propriamente que se lhe faltasse esse dado ele não seria o que é. E por conseguinte a relação entre ele e o gênero que ele suporta, não seria o que é. Então, a substância do software não é um mero adereço mas é o que o faz devir a ser, suporte.

Isto tudo nos faz pensar na natureza do software e como essa natureza interfere nos usos que fazemos dos softwares e dos gêneros que estão ancorados em softwares. Note que os gêneros com os quais estamos interagindo no ambiente digital, não são o fim-único da existência do software. São, em última análise, uma das causas da existência dos softwares⁴. É importante atentar também para o fato de que muitas das características dos gêneros digitais (por exemplo, a hipertextualidade, a hipermodalidade etc) nascem do suporte digital, então saber operar com um software é fator determinante para o sucesso das interações com os gêneros digitais.

A concepção de língua e gênero utilizada no trabalho com os estudantes

Um dos problemas do ensino de línguas é o tratamento inadequado que o texto vem recebendo, como muito bem lembrou Marcuschi (2008, p.52), introduzir o texto em ambiente escolar sem mudar as formas de acesso, sem mudar as categorias que irão ser trabalhadas ou as propostas de análise, parece não render muitos dividendos. Ligado a estes aspectos está a concepção de língua adotada

4. veja por exemplo o artigo de Souza (2010b) "Como um software é fabricado: um olhar ergolinguístico", publicado pela revista Eutomia da Universidade Federal de Pernambuco, onde verificamos que os sujeitos desenvolvedores de software utilizam diversos gêneros (orais e escritos) antes de fabricar um software.

pelo profissional, a razão é extremamente simples: a depender da perspectiva, da concepção de língua internalizada pelo professor, o trato dos textos e dos gêneros podem ganhar orientações diversas. Na incursão que fizemos, verificamos que o mentor do projeto aparentava ter internalizado em si uma concepção de ensino que, cf. Fonseca (1984, p.260), “prepara o aluno para a produção ágil dos seus discursos e para a avaliação crítica dos discursos alheios”.

Tal concepção de ensino de língua, que está arraigado a uma concepção de língua como um conjunto de práticas sociais e discursivas, leva o estudante a operar com a língua como uma entidade sociointerativa e isto tudo vai acabar refletindo no modo como os sujeitos interagem com gêneros, uma vez que os gêneros discursivos possuem um papel fundamental na interação sociocomunicativa dos falantes da língua pois se ancoram sempre em alguma situação concreta da vida cotidiana, em alguma esfera da comunicação humana. Os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões para cuja execução ele necessita tomar preferência, nas palavras de Bronckart (1994, p.12): “a primeira das decisões é a eleger o que deve ser feito a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la”.

Como sabemos, o estudo dos gêneros discursivos não é novo e a muito eles (os gêneros) vem sendo objetos de ensino/aprendizagem nas aulas de línguas no Brasil. Isto se deve em grande parte a importância fundamental do uso dos gêneros para a interação sociocomunicativa dos indivíduos, ao fato de que é impossível se comunicar verbalmente sem ser por algum gênero, não é por acaso que Bakhtin (1997, p.290) assevera que

“todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

A interação sociocomunicativa é sempre guiada por intenções comunicativas que acontecem substancialmente através de textos orais ou escritos, e estas, por sua vez, são condições de possibilidade de produção dos discursos. São nessas condições de produção que os usos sociais vão se constituindo, o que irá determinar o aparecimento de determinados gêneros que darão formas aos textos. Desse modo, os textos se organizam em gêneros e estes por sua vez necessitam de um suporte para poder circular nos mais variados domínios discursivos, conforme Marcuschi “a discussão sobre o suporte nos leva a perceber como se dá a circulação social dos gêneros”.

Considerações finais

Acreditamos que o ensino orientado numa perspectiva textual-discursiva em que o gênero é instrumento de ensino, não pode se desconectar dos modos de circulação social deste gênero. De igual modo, no fulcro da dinâmica social, os modos de se produzir textos e gêneros bem como a técnica, sofreram alterações significativas. Saber operar com essa nova tecnologia que permite o aparecimento da escrita e por conseguinte dos gêneros, é fundamental para lograr êxito.

Se a produção de textos na escola é ainda um desafio para muitos educadores, levar essa produção para espaços análogos ao domínio de circulação real do gênero torna-se por demais importante quando queremos formar escritores e leitores proficientes. De fato, alguns gêneros parecem ter um habitat específico, parece servir melhor para determinados propósitos, mas isso não significa que devemos preconizar qual gênero se presta melhor para o ensino de língua. O que verificamos é que o ensino orientado a partir de uma perspectiva do estudo dos gêneros, na esfera digital, deve levar em consideração o fator sócio-histórico da época em que o sujeito vive e o suporte em que este gênero se ancora. Além disto, é preciso levar as atividades de produção de textos para fora da escola uma vez que produzir textos é parte da nossa vida cotidiana. Entretanto, o que verificamos é que quando tratamos do suporte de gêneros digitais, surge uma outra questão problemática: até este momento os estudos sobre o que é gênero e o que é suporte na esfera digital ainda estão incipientes e isto vai acabar se refletindo no ensino, por vezes o gênero é tratado como suporte e por vezes o suporte é

tratado como gênero e as funções de um de outro tendem em certo sentido se imbricarem, daí a importância de estudos que sistematizem a questão do suporte e que verifiquem até que ponto o suporte influencia o gênero.

Como tentativa para produção de textos em situações reais, o que verificamos é que trabalhar dentro de uma perspectiva na qual o gênero seja visto como instrumento sócio-histórico, pode trazer algumas vantagens. O trabalho analisado nos leva a inferir que muito mais que preconizar o ensino e o uso de um determinado gênero na escola, se torna mais abrangente, e ao mesmo tempo sistemático, deixar que os educandos escolham os gêneros em função do propósito comunicativo de suas produções.

Assim, a atividade proposta parte do uso e das escolhas linguísticas para a sistematização do gênero, trata-se como verificamos de uma concepção de ensino de língua muito próxima daquilo que Bronckart, (1991) e Schneuwly, (1991) chamaram de „didática da diversificação“ . Ao mesmo tempo, permitir que os educandos assumam uma atitude de autoria (no sentido lato desta palavra) permite resignificar essa escrita. Neste quesito, vale ressaltar que o professor ao direcionar a atividade parte do princípio de que ele é apenas um co-participante do processo de aprender. Nas palavras de Marcuschi (2008, p.13) „a sala de aula constitui um grande laboratório de investigação, onde conhecer não é um ato individual, mas uma ação colaborativa“.

Referências

- ANGROSINO, M.; FLICK U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- Araújo, J.C; Dieb, Messias. **Tecnologia digital e agência**: Ressignificando A Tarefa Da Escrita Escolar. Revista da Anpoll nº 37, p. 37-55, Florianópolis, Jul./Dez. 2014
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995. [1929] [Links]
- BRONCKART. (1991). "Perspectives et limites d'une diversification de l'enseignement du français". In : **Études de Linguistique Appliquée**. Nº 83.
- _____. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio discursivo. São Paulo: Educ, 1994.

- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FONSECA (1984). Linguística e o ensino da língua materna In.: **Actas do 1º encontro de linguistas portugueses**. Lisboa: Faculdade de letras de Lisboa, pp. 257-260.
- GILLEN, J. **Literacy practices in Schome Park: a virtual literacy ethnography**. Journal of Research in Reading, v. 32, issue 1, p 57–74, 2009.
- _____.; BARTON, D. **Digital literacies: a research briefing by the technology enhanced learning phase of the teaching and learning research programme**. London: Literacy Research Centre, Lancaster University, 2010.
- KRESS, G. The profound shift of digital literacies. In: GILLEN, J; BARTON, D. **Digital literacies: a research briefing by the technology enhanced learning phase of the teaching and learning research programme**. London: Literacy Research Centre, Lancaster University, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. **A questão do suporte nos gêneros textuais**. (Versão provisória 18/05/2003). Disponível em: www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf. Acesso em: 10 Jul. 2015
- TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. Tese (doutorado). Fortaleza, UFC: 2008.
- SHETZER, H.; WARSCHAUER, M. An electronic literacy approach to network-based language teaching. In: Warschauer, M; Kern, R (org.) **Network-based Language Teaching: concepts and practice**. NY: Cambridge University Press, 2000 p.171-185
- SCHNEUWLY, (1991). "Diversification et progression em DFLM: l'apport des typologies". In : "Perspectives et limites d'une diversification de l'enseignement du français". In : **Études de Linguistique Appliquée**. N° 83.
- Shetzer, H., & Warschauer, M. (2000). An electronic literacy approach to network-based language teaching. In M. Warschauer & R. Kern (Eds.), *Network-based* .
- SOUZA, A. G. . Software, hipermídia, hipertexto e gêneros digitais: observações preliminares.. In: **Encontro internacional de texto e cultura/PROTEXTO UFC**, 2009, Fortaleza. Anais do Encontro Internacional de Texto, 2008. v. 1. p. 45-55.
- SOUZA, A.G **Software: Esboço de um estudo para as ciências da linguagem**. Dissertação de mestrado em Linguística UFPE 2010
- _____. **Como os softwares são fabricados: um olhar ergolinguístico**. Eutomia (Recife), v. 1, p. 01-15, 2010b
- SOUZA, A. G. . A interface do software e as formas marcadas e não marcadas da presença de outrem. In: **Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**, 2012, Minas Gerais. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2012. v. 1. p. 1-12.
- XAVIER, Antonio C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002.

RESUMO

Ensinar a Língua Portuguesa escrita, como segunda língua, para alunos surdos é um desafio. Desafio por se pretender ensinar uma língua oral-auditiva, na modalidade escrita, para sujeitos que não a conhecem na oralidade. E para auxiliar esse desafio, recorre-se ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. Assim, a acessibilidade digital, através dessas ferramentas apresenta recursos linguísticos dinâmicos para efetivar uma proposta de ensino da Língua Portuguesa escrita de uma comunidade ouvinte, aplicada a sujeitos que a desconhecem na oralidade; ou seja, desconhecem o contexto sociocultural dessa língua, pois apesar de terem nascido no Brasil, não são usuários efetivos desse idioma. É preciso que a escola perceba que há necessidade de desenvolver um ensino pautado no bilinguismo. Uma vez que essa língua é, e deve ser trabalhada, como segunda língua para o aluno surdo. Desse modo, este artigo mostrará a relevância do uso das TICs no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos, visto que essas exploram muito o aspecto espaço-visual. Com isso, o aluno surdo se percebe próximo do usuário efetivo da Língua Portuguesa e inserto nesse contexto linguístico social. Contexto esse que promove a interação para a construção da identidade cognitiva e sociocultural.

Palavras-chave: Português escrito, Alunos surdos, Uso das TICs.